



A decolonialidade no ensino da língua inglesa no primeiro segmento do ensino fundamental

Juliana dos Santos Machado Azevedo¹
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Gysele da Silva Colombo Gomes²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho apresenta a análise de duas atividades realizadas pelo grupo Prodocência “Culturalidade (Canclini, 2004) e Multiletramentos Críticos (Rojo, 2012) no Ensino de Inglês para Crianças”, por meio de uma perspectiva decolonial, no primeiro segmento do ensino fundamental da escola municipal Rosendo Rica Marcos (CIEP) localizada em São Gonçalo (RJ). De acordo com Reis & Andrade (2018), o pensamento decolonial busca analisar criticamente a epistemologia, objetivando a emancipação de todas as formas de opressão e dominação. Em conformidade com o pensamento decolonial, no estudo, são investigados dois planos de aula e as suas atividades propostas para as duas turmas de quinto ano. São o foco de nosso interesse as experiências dos alunos para compreendermos as perspectivas e emoções dos estudantes sobre o trabalho pedagógico realizado. A observação feita dos planos de aula e um questionário realizado com as turmas, busca escrutinar as maneiras pelas quais as atividades e procedimentos foram construídos em torno do pensamento decolonial. A análise de dados tem como suporte teórico o construto decolonialidade em alinhamento com Baptista (2022), Machado (2022) e Dina Ferreira (2022). O trabalho se configura como uma pesquisa qualitativa (Bodgan; Biklen, 1982), etnográfica (Mattos, 2011) e de cunho interpretativista (Creswell, 2013) e se propõe a construir entendimentos e reflexões acerca do impacto social e pedagógico de uma educação decolonial no Ensino de língua inglesa em contextos de escola pública.

Palavras-chave: Decolonialidade; Ensino-Aprendizagem; Letramentos; Culturalidade

Introdução

1 Graduada em Letras - Português e Inglês, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: jullizev@gmail.com

2 Graduada em Letras Português- Inglês pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1990), mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e é doutora em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2014). Concluiu o pós- doutoramento na Universidade Federal de Viçosa desenvolvendo estudos sobre a Zona de Conforto e Emoções no ensino de língua estrangeira (2020-2021). É professora adjunta da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atua no ensino e na coordenação da graduação e pós-graduação (PPLIN). E-mail: gysacolombo@uol.com.br



A perspectiva decolonial na educação promove ações pedagógicas que buscam desafiar as formas estruturais e históricas de opressões (sociais, econômicas, étnicas, entre outras) que atuam na sala de aula. A decolonialidade segundo Catherine Walsh (2018):

“(…) necessariamente segue, deriva e responde à colonialidade e ao processo e condição colonial em andamento. É uma forma de luta e sobrevivência, uma resposta e prática epistêmica e baseada na existência –mais especialmente por sujeitos colonizados e racializados –contra a matriz colonial de poder em todas as suas dimensões, e pelas possibilidades de uma maneira diferente” (Walsh, 2018).

É por meio da análise crítica das colonialidades do poder, do ser e do saber, que se constroem atividades e aulas reflexivas na perspectiva da decolonialidade, desta forma combatendo a reprodução dos preconceitos e intolerâncias que marginalizam indivíduos e se opõem a igualdade e democracia.

Este recorte investigativo³ busca analisar algumas atividades e procedimentos pedagógicos realizados no CIEP 250 Rosendo Rica Marcos para que se compreenda de que forma eles foram aplicados em alinhamento com a perspectiva decolonial e intercultural. As atividades, foco desta investigação e ministradas na aula de inglês em duas turmas do quinto ano do fundamental, pertencem a dois planos de aulas aplicados pelo grupo da Prodocência “Culturalidade (Canclini, 2004) e Multiletramentos Críticos (Rojo, 2012) no Ensino de Inglês para Crianças” com a coordenação da professora doutora Gysele da Silva Colombo Gomes.

Este estudo também tem como instrumento para geração de registros um questionário, aplicado nas duas turmas e que foi respondido por 30 alunos. Por meio da análise do questionário, dos procedimentos pedagógicos e do arcabouço teórico foi possível construir uma análise da prática docente dos bolsistas do prodocência e de que forma esta práxis estava em consonância com os preceitos das perspectivas decoloniais e interculturais. Além disso, a pesquisa justifica-se por contribuir para promover a importância de práticas pedagógicas decoloniais, incentivando outros docentes em formação a adotarem perspectivas e práticas decoloniais em suas experiências pedagógicas, e impulsionando comportamentos autocríticos

³ Este estudo foi apresentado na comunicação do evento “XVIII Encontro de Formação de Professores de Línguas” (ENFOPLE) em 2023, realizado nos dias 14, 15 e 16 de setembro, na temática “Educação Linguística na Escola Pública: pode o/a professor/a falar?”



e reflexivos acerca das práticas pedagógicas de docentes em formação e professores graduados.

Objetivos

Esta pesquisa buscou investigar os procedimentos metodológicos, que correspondem a dois planos de aula, e as atividades sugeridas neles, propostas para duas turmas do quinto ano, a fim de compreender como a perspectiva decolonial promove e incentiva interesse e engajamento dos alunos na sala de aula. Desta maneira, o estudo se propõe a analisar de que forma a educação decolonial foi implementada nos planos de aula e quais foram as reações dos alunos a perspectiva proposta. Buscamos entender quais foram as opiniões, os entendimentos e emoções de alunos do 5º ano do ensino fundamental de uma escola onde o projeto é desenvolvido.

O estudo também pretende investigar de que maneiras as perspectivas decolonial e intercultural promoveram o aprendizado pautado na igualdade de direitos e aceitação das diferenças. Para tanto, duas perguntas de pesquisa nortearam esta investigação: "De que forma as aulas podem promover uma atitude decolonial?" e "Como aprendizes do quinto ano avaliam as aulas pautadas pela perspectiva decolonial?".

Metodologia

Este recorte investigativo é uma pesquisa qualitativa (Bodgan; Biklen, 1982), etnográfica (Mattos, 2011) e de cunho interpretativista (Creswell, 2013). Os participantes correspondem aos alunos do quinto ano do ensino fundamental da escola CIEP 250 Rosendo Rica Marcos, localizada no Gradim (bairro de São Gonçalo) no Rio de Janeiro, e a bolsista docente Juliana dos Santos Machado Azevedo (coautora desta pesquisa). Por fim, os instrumentos de pesquisa usados para a geração de dados foram o questionário e as observações de aula.



Arcabouço Teórico

Esta investigação teve apoio nos pressupostos teóricos acerca do construto da decolonialidade (Walsh, 2018; Mendes, 2022) e sobre a educação linguística na perspectiva intercultural. A “Pedagogia dos Sonhos Possíveis” de Paulo Freire (2001) também foi imprescindível na análise de como as aulas promoviam a esperança e a possibilidade, desafiando as limitações impostas pelas opressões sociais: “Quanto mais o povo dominado se mobiliza dentro de sua cultura, mais ele se une, cresce e sonha - e está envolvido com o ato de conhecer”(Freire, 2001). Acreditamos que a educação linguística, em uma perspectiva intercultural segundo Mendes (2022), deve pressupor “uma ação criativa e propositiva em todas as suas dimensões constitutivas, em busca da construção de espaços interculturais nos quais a experiência da diferença é a sua maior força motriz” (idem, p. 125).

Contexto

A presente pesquisa é um recorte investigativo e foi realizada pelo grupo prodcente “Culturalidade (Canclini, 2004) e Multiletramentos Críticos (Rojo, 2012) no Ensino de Inglês para Crianças”, na escola CIEP 250 Rosendo Rica Marcos que fica situada em um Bairro de São Gonçalo (RJ) intitulado Gradim. O local se encontra próximo de comunidades de risco e por conta disso a escola enfrenta diariamente desafios relacionados a violência na região. Apesar das dificuldades a instituição estabelece diversos vínculos com a faculdade de formação de professores UERJ, o que se reflete nos diversos grupos pedagógicos e de pesquisa que se encontram atuando na unidade.

As turmas de inglês ministradas pelo grupo prodocência investigado nesta pesquisa são as primeiras instauradas no CIEP 250, pois a escola só possui turmas até o primeiro segmento do ensino fundamental. E como nos documentos oficiais do governo concernentes a educação



carecem de regulamentação quanto ao ensino da língua inglesa para os primeiros segmentos do ensino fundamental, fica a cargo das escolas implementarem turmas de inglês ou não.

Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos adotados nesta investigação partem, inicialmente, da análise da correspondência de dois planos de aula: (1) “*When I Grow up*” e (2) “*Pretty and ugly*”. O primeiro plano de aula tem como foco trabalhar o futuro profissional de crianças e o vocabulário relacionado a profissões, e o segundo citado é voltado para os adjetivos.

O plano de aula “*When I grow up*” produzido pelos bolsistas do projeto, apesar de abordar temas gramaticais como léxicos sobre profissão e o tempo futuro, tinha como principal objetivo estimular os alunos a falarem sobre suas expectativas e sonhos, a expressarem as suas identidades através dos seus desejos e anseios sobre o futuro. Por meio do vocabulário novo na língua alvo apresentado, o objetivo era incentivar os alunos a se sentirem confortáveis e seguros para falar sobre o que queriam para si mesmos no futuro e quais eram os desafios que eles viam para realizar os seus sonhos. Ao usarem o futuro e citarem as profissões desejadas, a língua e o “eu” se tornaram um meio para expressar esperança e possibilidade.

Por meio de uma perspectiva decolonial, buscou-se incentivar os alunos a falarem sobre o futuro e encorajá-los a ver seus sonhos como expectativas possíveis de serem alcançadas, desafiando e desestabilizando, dessa forma, os preconceitos e opressões estruturais que ditam, seja por etnia ou por gênero, que determinados alunos não podem ocupar certas posições sociais de prestígio. Portanto, mais do que ensinar a gramática da língua, a aula era construída de maneira a tornar a língua parte de quem o aluno era ao ser usada para expressar e comunicar seus sonhos e guiá-lo a desafiar as opressões de que é vítima.

Uma das atividades realizadas na aula planejada foi uma em que o professor perguntava aos alunos qual era a profissão desejada, e a partir da resposta do aluno, ele escrevia o trabalho correspondente na língua alvo e colava uma imagem ao lado para representar a profissão (essas imagens tinham como objetivo mostrarem diversidade ao apresentarem diferentes pessoas

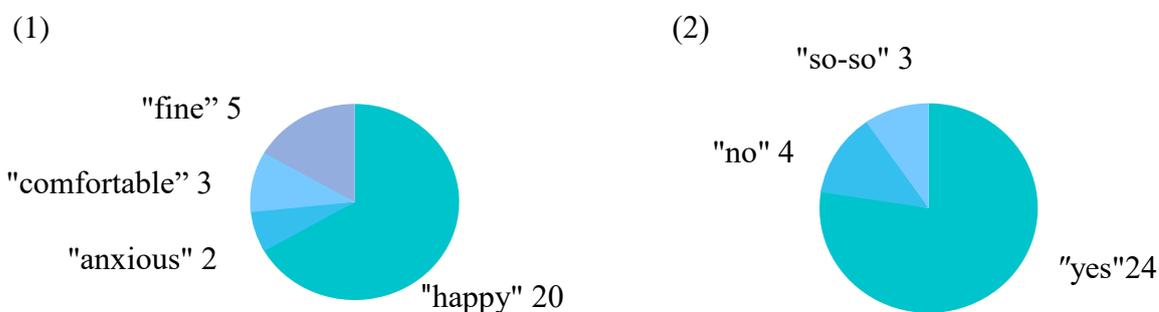


realizando diversas profissões). Assim, o novo vocabulário também era construído com o aluno, pois era por meio das respostas dele que as novas palavras eram apresentadas.

Não obstante ter como um dos objetivos a apresentação de alguns adjetivos, o segundo plano de aula, “*Pretty and ugly*”, também se centrava no aluno e nas maneiras pelas quais ele se expressaria por meio da língua alvo. Buscamos dar oportunidades aos alunos para, utilizando o léxico em inglês, expressarem como se viam e também como enxergavam o outro, de modo a poderem expressar quem são e como se veem no mundo. Ao se comunicarem com os adjetivos os aprendizes foram incentivados a estabelecer debates entre si de modo a refletir sobre os padrões de beleza e como eles são representados na mídia por meio de atividades nas quais conversavam e opinavam sobre imagens de artistas e personagens (foi utilizado por exemplo, a imagem da pequena sereia do live-action da Disney). A língua, nesse sentido, se tornou um meio pelo qual expressaram autoestima, aprendendo a abraçarem as diferenças.

Os debates sobre os padrões de beleza também incentivavam os alunos a tentarem analisar criticamente de que maneira os padrões afetavam, não somente a mídia, mas a vida deles como um todo e quais eram as consequências disso. Logo, a aula também foi construída de modo a dar possibilidades para os alunos se reconhecerem por meio da língua, de expressarem suas identidades – e com esse objetivo, foi realizada uma atividade na qual os estudantes desenhavam a si mesmos se descrevendo com alguns adjetivos e desenhavam o outro também os descrevendo.

Além dos planos de aula também foi de grande importância para a pesquisa os dados gerados por meio de um questionário no qual figurava 8 perguntas (com respostas em inglês a partir do que já tinha sido apresentado à turma nas aulas anteriores) e que foi respondido por 30 alunos. Para fins de análise serão citadas 6 perguntas e as reflexões geradas por meio delas. As duas primeiras perguntas foram: (1) “Como você se sente na aula de inglês?” e 2) “você teve oportunidades para falar sobre suas emoções na aula?”



Fonte: as autoras

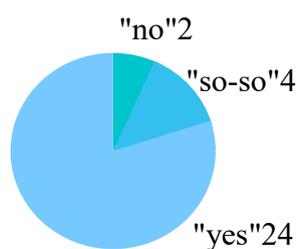
Na primeira pergunta se tinha as opções feliz (20 alunos marcaram), confortável (3), ansioso (2) e bem (5). Como se percebe a grande maioria se descreve feliz em assistir as aulas, e em relatos em sala de aula eles afirmaram se sentirem confortáveis nas aulas e gostarem das atividades propostas. Essas atividades costumam envolver brincadeiras e trabalhos em grupos justamente para estimular maior participação dos alunos em um ambiente que busca ser livre de estímulos para ansiedade, e que tem como objetivo estimular no aluno a percepção de que ele, assim como os seus colegas e os professores, juntos co-constroem as aulas.

Na segunda pergunta se tinha as opções sim (24 alunos responderam), não (4) e mais ou menos (3). Durante as aulas, os alunos também são estimulados a falarem sobre suas emoções, de maneira a se sentirem mais livres, como pode-se observar na quantidade de respostas “sim” vistas. Os alunos são o foco das aulas, e eles são vistos como sujeitos em sua totalidade, sujeitos que possuem seus conhecimentos, personalidades, emoções e gostos pessoais que os fazem ser quem são e que influenciam diretamente nas aulas, e as atividades são propostas por meio desses entendimentos do aluno como sujeito e co-participante. Os professores buscam transformarem a sala de aula em um ambiente seguro para que os alunos possam se sentir confortáveis de se expressarem como desejam.

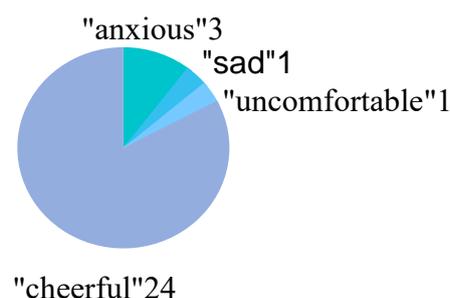


Outras duas questões apresentadas foram (3) “você gostou da aula sobre trabalhos?” e (4) “como você se sentiu ao falar do seu futuro trabalho?”. Na terceira pergunta 24 alunos responderam “sim”, 2 responderam “não” e 4 responderam “mais ou menos”. Apesar de se tratar de um assunto que pode gerar ansiedade, dúvidas e desânimo, os alunos aparentaram se sentirem bem durante a aula dos “Jobs” e gostaram de conversar sobre o que esperavam ser no futuro. As atividades dessa aula buscaram incentivar os alunos a falarem sobre si mesmos e suas expectativas, e mais do que isso a mostrarem convicção e esperança sobre seus desejos e sonhos – a acreditarem na possibilidade real de eles se realizarem, e como pode ser observado nas respostas, os alunos se mostraram felizes e confortáveis em falarem de seus sonhos.

(3)



(4)



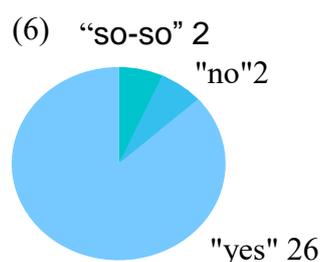
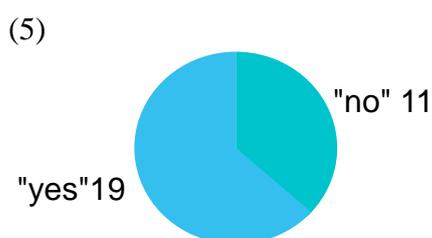
Fonte: as autoras

Na quarta 3 alunos responderam “ansioso”, 1 aluno respondeu “triste”, 1 aluno respondeu “desconfortável” e 24 alunos responderam “animado”. Muitos alunos marcaram “animado”, o que deixa explícito que apesar de alguns estudantes ainda se sentirem ansiosos com o assunto, a maioria se sentiu animado de falar e aprender sobre os trabalhos que pretendem exercer. Um dos objetivos da perspectiva decolonial é justamente esse: a quebra de preconceitos e opressões antigas que determinam que tipo de sujeitos devem exercer determinadas profissões baseadas nos traços étnicos, no gênero e na posição social econômica.

As duas últimas perguntas aqui apresentadas são (5) “você viu pessoas parecidas com você ou os seus amigos nas imagens dos trabalhos?” e (6) “você acha que as aulas de inglês estão sendo importantes para você?”. Na quinta pergunta 19 alunos responderam que “sim” e



11 que “não”. Durante as aulas, as fotos utilizadas nas atividades buscam transmitir a realidade dos alunos, mostrando pessoas semelhantes a eles e as pessoas próximas a eles, e também buscaram desafiar preconceitos raciais e sociais, e alguns alunos parecem ter se sentido representados ao verem pessoas de sua mesma etnia e cor de pele exercendo diversos cargos de profissões diferentes nas imagens, entretanto outros não parecem concordar com isso, o que mostra uma necessidade de maior diversidade nas imagens usadas (o que se torna até mesmo um desafio, pois mesmo na internet ainda é difícil as vezes encontrar imagens que mostrem diversidades, especialmente quando se trata de profissões voltadas para medicina, direito entre outras).



Fonte: as autoras

Na sexta pergunta, 26 alunos responderam “sim”, 2 responderam “mais ou menos” e 2 responderam “não”. Percebe-se que a maioria dos alunos concorda que as aulas de inglês são importantes, o que é imprescindível na prática pedagógica, visto que sempre se busca mostrar para o aluno que aprender o inglês, língua franca no mundo globalizado do século XXI, é um direito dele e que o ato de aprender uma outra língua significa também maiores oportunidades de exercer sua cidadania em um mundo cada vez mais conectado.



Conclusões Parciais

Por meio das respostas foi possível perceber que mais da metade dos alunos demonstraram se sentir confortáveis durante as aulas; uma parte da turma foi capaz de se identificar com as imagens usadas nas aulas, enquanto a outra parte não - identifica-se uma necessidade de imagens mais inclusivas; alguns alunos revelaram se sentir ansiosos ou desconfortáveis durante as aulas, sobretudo naquelas relacionadas ao futuro. Percebemos a necessidade de aprofundarmos a investigação para compreender as razões para tal.

Ao se perceber essa necessidade de mais imagens inclusivas, uma maneira de solucionar essa necessidade seria buscar construir essas imagens até mesmo com os alunos, incentivando-os a se desenharem nas profissões e utilizando esses desenhos nas próximas aulas. Destacamos que essa é, naturalmente, apenas uma possibilidade. Já em relação à necessidade de investigar o porquê dos alunos se sentirem desconfortáveis, talvez uma possível maneira de compreender melhor esse fenômeno seria criar uma aula voltada para emoções negativas e incentivá-los a falarem sobre suas inseguranças.

Por fim, este estudo foi importante por ter proporcionado, com o auxílio do aporte teórico aqui adotado e dos instrumentos geradores de dados (o questionário e os planos de aula), a percepção das diferentes formas como a perspectiva decolonial pode afetar a aprendizagem de inglês e como tal perspectiva pode ser aplicada nas aulas. Consideramos também inegável a importância da autorreflexão sobre nossas práxis e de que, a cada aula, a busca por construções de experiências decoloniais e democráticas com os alunos seja uma prática frequente a fim de desmistificar a ideia de aprendizagem hegemônica no que tange ao ensino-aprendizagem da língua inglesa.

REFERÊNCIAS

- Canclini, N. G. (2004). **Diferentes, desiguales y desconectados**. Mapas de la Interculturalidad. Barcelona, Espanha: Gedisa.
- Landulfo de (org.). **Suleando conceitos e linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**, 1 edição, Campinas, São Paulo: Pontes Editores, 2022.



MIGNOLO, Walter D.; WALSH, Catherine E. **On decoloniality**: Concepts, analytics, praxis. Duke University Press, 2018. p. 17.

OLIVEIRA, Elizabeth de Souza; LUCINI, Marizete. **O Pensamento Decolonial**: Conceitos para Pensar uma Prática de Pesquisa de Resistência. Boletim Historiar, Sergipe, vo. 08, n. 01, p. 97 – 115, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/historiar/article/view/15456/11639>

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola editorial, 2012

REIS, M. N.; ANDRADE, M. F. F. . O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. In: II Seminário de De(s)colonialidades - ancestralidade e lugar de fala: outras geografias de olhares e saberes, 2018, Eunápolis. **Anais do II seminário de de(s)colonialidades**. Ancestralidade e lugar de fala: outras geografias de olhares e saberes. Eunápolis: IFBA, 2018. v. 1. p. 103-116.